



REMANDO POR UM RIO DE MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS

Áurea Alves Cardoso

Universidade Federal Fluminense

aureaxcardoso@gmail.com

Resumo:

Os moradores do Araguaia são muito mais que testemunhas da Guerrilha do Araguaia. São sobreviventes, assim como os militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) que foram para a região organizar o movimento popular que visou por fim a Ditadura Civil-Militar. Trabalhando com a ideia de rizoma, afirmamos nesse texto a Vida de um povo que foi atingido pela repressão do Estado ao longo da Ditadura. Ou seja, afirmamos a resistência de uma gente que também foi presa, torturada, morta, desaparecida, expulsa de sua terra, teve a sua plantação (único meio de subsistência) e paiol de alimentos destruídos e sobreviveu. Muitos adoeceram, muitos “ficaram loucos” e mesmo assim suas feridas foram negadas. SobreVIVEMOS, a gente sabe dessas coisas! Contudo, queremos muito mais que nos ater em juntar o que restou. Sabemos e queremos VIVER com inventividade e beleza! **Palavras-chave:** Moradores do Araguaia, Sobreviventes, Guerrilha do Araguaia, Escrevivência.

Abstract:

The local residents of Araguaia are more than the witness of the Araguaia Guerrilla. They are survivors, as well as the militant of the Communist Party of Brazil (PCdoB), who went there to organize a popular movement which had the intention to end up the Civil-Military Dictatorship. Working with the idea of rhizome, we affirm in this text that People's Life was hit by the repression of the State throughout the Dictatorship. We praise the people's resistance who was arrested, tortured, killed, vanished, expelled from their land, which has had their plantation (only mean of survival), their storehouse destroyed and yet survived. Many of them became ill, many “got insane” and yet their wounds were denied. THEY ARE SURVIVORS, we know that! However, we want much more than just putting together what's left. We know and want to LIVE in an inventive and beautiful way!

Keywords: Residents of Araguaia, Survivors, Araguaia Guerrilla, *Esrevivência*.

A canoa é um meio de transporte ribeirinho que um dia foi árvore com raízes fincadas e espalhadas pelo chão (rizoma¹) e erguida em direção ao infinito. Foi geradora de frutos, a sua copa abrigou aves e foi responsável por manter a terra úmida, devolvendo a ela a umidade necessária ao longo de seu crescimento. O seu tronco forte, de cascas grossas, de óleos e essências medicinais, agora é canoa (e remo) a beijar respeitosamente a água e a ser companhia/parceira de viagens e de trabalhos.

É com essa menina/senhora de memórias que vamos remar o Araguaia rio acima. Subir o rio a remo requer força e manha para lidar com as correntezas contrárias, com os redemoinhos e pedras que possam estar pelo caminho.

Faço parte da terceira geração de testemunhas-sobreviventes da Guerrilha do Araguaia. Ouvia relatos de minha avó materna Donila em espaços restritos da casa dando-se conta tanto do quanto a população local foi “judiada” (Judas), perseguida pelas Forças Armadas por acusação de auxiliar os “terroristas”, os “guerrilheiros”, o “povo da mata”, os “paulistas”; quanto da experiência com os guerrilheiros que moraram ou passaram pela vila em que morava, Palestina (hoje cidade Palestina do Pará/PA), e que foram caçados e mortos pelo Exército. Quando sai do Pará (ano de 1999) comecei a ler sobre o assunto. Estranhei que as versões contadas em livros e em documentos fonográficos, apesar de conter neles relatos de moradores da região do Araguaia, não versavam a respeito das experiências deles como também sobreviventes da Guerrilha do Araguaia. Elas tratavam do assunto abordando os guerrilheiros - que foram para a região com objetivo de criar um exército popular que derrotasse a Ditadura Civil-Militar - e as Forças armadas - que foram combatê-los - como protagonistas; a população aparecia apenas como informante do acontecimento.

Opto por compor logo no início desse texto um relato da população local na Guerrilha do Araguaia. Faço essa escolha por entender que os diversos silenciamentos impostos a nós têm objetivos bem definidos, como a produção de medo que nos invisibiliza na medida em que nos mantém numa postura

¹ Raiz, parte subterrânea da planta e tem crescimento horizontal, sem direção definida. Trata-se, portanto, de linhas e não de formas. De linhas intensivas que fogem, escapam a tentativas de capturas e se conectam com outras raízes. À medida dessas conexões, aumenta suas dimensões e muda a sua natureza (DELEUZE E GUATTARRI, 2000).

despotencializada e de subalternidade, presa fácil à exploração, à criminalização e ao extermínio. Fazê-lo, portanto, é um dos meios de enfrentar essas incessantes produções de subjetividades.

O relato a seguir é uma colcha de retalhos de falas de moradores do Araguaia. Embora reconheçamos e valorizemos a força da Guerrilha do Araguaia para a população da região, visamos, com a narrativa, olhar mais e nos deter nos corpos, nas experiências e nas vidas dos que relatam, do que falar do acontecimento em si.

Bom, minha gente, aqui na região aconteceu uma guerra, eu estava aqui e aconteceu muito sofrimento. O meu marido foi preso um tempo, por duas vezes, e o pessoal dizia que nós sustentávamos o pessoal da mata. Conhecemos vários guerrilheiros, uns moravam aqui na cidade. Uns ficavam por ali e outros ficavam mais na mata. A partir de um determinado momento a gente não podia mais nem confiar nos vizinhos, pois podiam fazer denúncia para o Exército.

Quem tá de longe não sabe o que aconteceu aqui. Quem tava aqui na época sabe o que aconteceu e o que sofreu. Não sabia nem o que era helicóptero... ficaram sobrevoando a vila. Dava para ver a cabeça deles e as armas. Eu me lembro como se fosse hoje, as mulheres começaram a colocar as crianças para fora das casas e as ergueram... Esse dia eu passei medo! Helicópteros com aquela bravura... As casas eram cobertas de palhas e umas ficaram descobertas.

Se eu sofri com a guerra? Eu não! Sofri porque o meu marido estava sofrendo. Ele foi apanhado, foi preso. No dia em que ele foi preso andava mariscando. Cercaram a minha casa e eu, inocente, não sabendo o que eles queriam, eu disse que ele andava mariscando e que voltaria naquele dia. Os homens foram encontrar ele, deram uma pesada nos peitos dele... Ele era um guia, andava com os guerrilheiros na mata. Nós sofremos porque vivíamos tudo amedrontados, com medo. Os militares mandavam a gente fazer buraco dentro das nossas casas para nos proteger. Antes de truar, quando o meu marido estava preso, eu já recolhia os meninos e íamos para o buraco. Não deixava que ninguém mais falasse nada. O medo era grande, eu ficava acordada sozinha até o sono me roubar.

Aqui a gente sofreu demais... No período da guerrilha, da ditadura, as pessoas iam sendo presas sem saber o porquê. A gente ficava com medo pensando se seria o próximo porque ninguém sabia o que tava acontecendo... A gente não podia abrir o bico porque tinha os puxa-sacos que dedavam, diziam que a gente era terrorista,

comunista, subversivo, o satanás de vida... Até os amigos da gente se escondiam da gente... botavam uma mancha na gente se a gente falasse sobre essa guerrilha. Botavam uma mancha que o povo achava que a gente fosse até um demônio.

Pessoas apareciam por aqui e do nada desapareciam, iam embora. Ficavam na casa dos moradores, morando com as famílias. Nós não maldamos de nada. As pessoas chegavam e moravam em nossas casas e tudo bem. Depois é que a gente foi saber que eram espiões do Exército. Os homens do Exército já chegavam nas casas sabendo o nome do morador, o que fazia. Teve um que ficou muito tempo aqui e depois ficamos sabendo que trabalhava para o Curió. O nome dele era Geraldo. Ele era arrogante, mexia com mulher casada. Teve caso com uma mulher daqui e dizem que o marido dela é que colocou ele para correr. Só não matou porque o tiro não acertou. Mas foi para aqui perto, para Marabá, e continuou trabalhando para o Curió. Ele mesmo dizia pra todo mundo que era amigo do Curió e que já tinha trabalhado muito pra ele. Um outro homem morou na casa do Manelão durante um ano. Ninguém sabia sobre a vida dele. Uma noite foi caçar com o Manelão. O cachorro acuou um tatu e o Manelão gritou pro animal acuado: “se tu fosse um terrorista eu atirava na tua testa!”. No dia seguinte o moço sumiu e nunca mais foi visto. Dias depois o Exército apareceu na casa dele sabendo nomes dos moradores e tendo várias informações sobre ele e sua família. O Manelão depois foi guia do Exército na mata. Ele conhecia muito bem a região da Serra das Andorinhas. Eles caçavam os guerrilheiros na mata... Descobriam esconderijo de alimentos, munição...

Agora imagina só, pra gente que morava na vila, até pra ir pra roça trabalhar tinha que pedir permissão aos soldados, para entrar e sair só podia com permissão deles... Um cachorro foi morto e um rapaz que tinha problema de cabeça foi levado e nunca mais apareceu. Ele foi pego porque recebeu ordem e não obedeceu. Quando nós [ela, marido e filhos] saímos do Embaubal fugindo com medo porque o Exército não saía de lá, tivemos que passar a noite numa casa abandonada que ficava na beira do rio. Já passava das cinco horas da tarde, então já era proibido transitar pela rua. Podíamos ser confundido com o povo da mata e ser morto. A minha irmã morava em Marabá e soube que tinha tido um tiroteio em Palestina, que gente tinha morrido e ela não sabia quem tinha sido. Deixou tudo lá e veio atrás de nós para saber notícia.

Perseguiram muito a vida... A vida de muita gente, não era pouco não... Não deixavam entrar e nem sair das localidades... Prenderam aquele povo todo, quem

estava fora não podia entrar e quem estava dentro não podia sair. Os policiais diziam estar à procura de terroristas, mas nós não acreditávamos porque as pessoas que eles procuravam nunca tinham feito terror ali na região. E eu sei lá o que era terrorista! Eu sei que eles são gente boa demais, cuidavam da gente quando a gente tava doente. Eram pessoas distintas, alegres, nos tratavam bem, cuidavam da gente, nos davam remédio, faziam tudo quanto era tipo de partos nas mulheres (simples e mais complexo), trataram da perna do meu irmão e não cobraram nada dele. Disseram que gostavam muito do meu irmão. E eu gostava muito deles, não vou mentir!

Ora, aquele povo não era terrorista, era apenas um pessoal sofredor. Falavam para mim que eles estavam indo atrás da liberdade porque nós vivíamos num cativeiro, num país cativo, num país regimentar, que não podíamos nem conversar. Nós não acreditamos [nisso que eles diziam], falavam que nós tínhamos que nos unir, ir pro mato. Mas ninguém quis porque já tinham morrido todo mundo também... Muita gente daqui eles [militares] atestaram como terroristas, morreram muitos conhecidos nossos.

Pois é, nos acusavam de apoiar o pessoal da mata e pegavam a gente. Chegavam [guerrilheiros] na nossa casa e comiam... Imagina, você chega com fome na nossa casa e pede um prato de bóia, é claro que lhe dou! Quando o Exército chegou eles foram para o mato e o meu pai dava comida para eles. Com o tempo, foram ficando sem rancho. Um dia apareceram alguns deles na casa da Maria. Estavam com fome, mas estavam agoniados. Ela fez comida para eles, mas a Dina não esperou... Eles encostavam na minha casa, eu dava comida pra eles, ajudei várias vezes... . Eu era criança e ia levar comida para eles. Chegava, batia no tronco e eles viam buscar a comida e voltavam pro mato. Dei roupa, botina, rede, fardo de sal. Isso tudo escondido do Exército, porque se eles soubessem... É assim que acontecia na região: a pessoa tinha fome, pedia alimento, a gente dava.

No dia em que prenderam o meu pai como terrorista – é o que eles diziam –, quando demos fé a casa já estava cercada por soldados. Invadiram a nossa casa, foram logo pegando o meu pai, amarrando, tirando o meu pai, expulsando ele, sabe? Mandaram a gente sair de casa... Saíram tocando meu pai como se toca porco, num sabe? Na estrada bateram no meu pai, empurraram, derrubaram meu pai, falaram meio mundo de coisa para o meu pai. E a minha mãe chorando estava atrás conosco. Quando chegaram em Santa Cruz deixaram o meu pai no meio do tempo, no meio do

sol quente, com as mãos amarradas pra trás, na areia quente. Depois quando entrou, a ordem era para não conversar com ninguém, mas ele viu várias pessoas conhecidas lá. Quando voltamos, vimos que o Exército tinha tocado fogo na nossa casa... Não tinha mais nada, a roça, o paiolão de arroz, de milho, couro, café... Tudo sequinho, embalado em sacão de estopa que o meu pai tinha deixado... Tudo foi destruído. Queimaram tudo! Muita gente que tinha plantação, eles queimaram tudo. Tacavam fogo nas roças, acabavam com as casas... Matavam o que podiam. E aí a gente passou fome... Ficamos passando necessidade porque o alimento acabou, né? Alguns vizinhos tinham plantações prontas para colher, mas o Exército não deixava as famílias se aproximarem... E também tinha uma plantação de arroz e a mulher do Raimundo não podia comer nenhum grão porque não podia vir e nem tinha quem pudesse apanhar o arroz porque ele tava preso... O Zezão com a família e outros vizinhos perderam a terra, foram expulsos e ficaram sem nada.

Tudo o que era nosso eles botaram fogo e queimaram. Queimaram a roça, queimaram o legume da roça, queimaram tudo, tudo, tudo, tudo, tudo... eles queimaram foi tudo! Mandaram a mulher do Zeca sair de casa foi seis horinha da tarde e queimaram a casa com tudo que tinha dentro. A mulher saiu com a roupa do corpo com 14 dias de resguardo. Eles também chegavam na casa de vizinhos e obrigavam a fazer panelões de comida para eles. Obrigavam eles a dar de comer para aquele bando de gente todo dia. Assim acabaram com o que tinham no paiol e as criações. As pessoas tinham que matar animais, acabar com os seus ranchos para dar comida para eles... Na casa do Seu Bira e da Dona Maria, eles disseram que quando deram fé tava tudo verde, cheio de soldado. Eles ficaram acampados ali por vários dias. Dormiram espalhados pelo barraco e seguravam sobre o corpo aquelas armas grandes. Não tinham nem coragem de levantar para fazer xixi à noite só de medo daquele povo. Ficavam ali atentando! Mostravam fotos para a D. Maria perguntando se ela conhecia alguém. Mostravam fotos já dizendo que ela conhecia e que era muito amiga daquela pessoa. Mas a D. Maria era muito esperta e dizia que não conhecia ninguém. Era uma humilhação só!

Menina, vários moradores foram presos e levados para Xambioá. Lá tinha um buraco em que os presos eram jogados. O Antonio Preto, que ficou preso uns dias num desses buracos, urinou na roupa porque queria urinar e não deixaram ele sair.

A comadre Joana não sabia que o marido dela tinha sido preso, só com 15 dias é que ele apareceu e estava amarelinho, doente e nunca mais ele teve saúde... Todos que eles judiaram nunca mais foi homem. Um deles morreu na Vila Santa Cruz vomitando sangue, só de taca que deram nele.

A Maria, que mora bem ali, disse que quando chegou da fonte só encontrou os animais presos. Perguntou pelo José e disseram pra ela que os homens do Exército vieram buscar e que não tinha mais voltado. Daqui ela só ouvia falar que ele estava louco... Diziam: Seu José tá lá louco, não reconhece ninguém, tá doido... Meu Deus do céu, então apanhou demais!

O marido da Fátima foi preso e ela ficou sofrendo com os seus filhos. Ela sofreu demais e até hoje sofre... Tem seis anos que ele perdeu a mente, não sai de casa para lugar nenhum, nenhum, nenhum... tá assombrado, assombrou, assombrou! Tudo o que se ouvia falar de ruim, fizeram com ele... É por isso, por esse significado, que a gente não gosta de falar no passado...

É por isso que eu falo, foi uma guerra injusta, uma guerra massacrada... O Raimundo disse assim pra nós: “Por todo canto do meu corpo eu levei choque... Passei 45 dias preso, trinta dias o almoço, a janta e o quebra-jejum era peia. Era só o que a gente comia, mas quem podia comer numa infelicidade dessa? Fui torturado, massacrado, judiado, eu não dormi nenhum pinga, nenhum pinga, nenhum pinga. Orando a Deus a noite todinha... A lua bonita... Aí eu orei a Deus, fiz um voto ao Divino Espírito Santo para nada de mal acontecer comigo. Sem a fé não somos ninguém!” Ele foi preso pelo Exército em 1973. A mulher dele estava nos dias de ganhar neném e tinha mandado fazer uma farinha. E quando foi buscar a farinha, os homens do Exército chegaram na casa e quiseram obrigar a mulher levantar e, com dores de ganhar neném, ir atrás dele à pé, caminhando 50 km. Assim que ela ganhou menino obrigaram ela a se levantar, numa humilhação esquisita, e ir atrás do Raimundo. Sei que pegaram ele, amarraram pelas pernas num pau, ficou suspenso com a cabeça pra baixo e a bunda pra cima... Ele falava: “aí lá vai eu sofrer!” Tomou choque por todo canto do corpo: orelha, boca (acabaram com os seus dentes)... “O maior choque que eu tomei na minha vida!”, ele disse. Foi para dentro de um buraco, passou a noite ali e nem viu, estava desacordado e todo quebrado... tentava se levantar e não dava conta, coluna estava toda acabada. Veio um homem e mandou sair dali pra matar ele lá em cima. Foi empurrado até perto de um buraco e perguntou

quem estava ali... E olha que os soldados obrigavam a gente a chamar eles de doutor. Então ele disse ao doutor que não sabia. Falaram que o Raimundo era um bandido e sabia sim, pois o morto seria seu amigo. Era a cabeça do Ari que mataram no mato e trouxeram apenas a cabeça... “Tu te livrou, safado... Esse buraco aqui agora vai servir para colocar cabeça...” O Raimundo passou dois meses sem dar notícia a ninguém e foi quando a sua mulher começou a endoidar porque disseram que tinham matado e jogado o seu corpo no Araguaia junto com os terroristas.

Desde esse tempo o Mundico da Tereza ficou doente, quase se arruinando aí... Ele nem consegue se vestir, é a mulher dele que veste... A situação dele é precária! Uns morreram em decorrência das torturas e outros até hoje estão aí doentes...

No dia em que mataram o Osvaldão foi uma alegria para a polícia. Soltaram fogos e um deles disse que nunca imaginou sentir tanta alegria no dia em que matou um homem. Depois sobrevoaram Xambioá com o corpo dele pendurado...

O Jonas que foi guia e também guerrilheiro, comenta que a morte do Ari foi quase assim: “o Ari foi morto por um mateiro. Andando pela mata com ele e o Raul, avistei o mateiro, mas não tinha ordem de atirar e não tive como avisar o Ari que estava na frente. Eu e o Raul conseguimos fugir (Raul levou um tiro, mas foi salvo pelo prato que carregava na mochila). O mateiro disse que a ordem era cortar e levar o bico do papagaio [a cabeça] e assim fizeram rapidamente. Eles estavam sós, sem companhia de homens do Exército e chamavam o Ari de bandido quando se recusavam a colocar a cabeça no bernal para carregar”.

Um desses mateiros diz que guerra é guerra... Ele fala assim: “morra criança, morra mulher, morra todo mundo... quem merece e quem não merece... eu me cagava de medo, mas o que fazer no meio desses homens [militares ou guerrilheiros]? Essas mulheres todas sofreram com os maridos apanhando...”

Olha, sabemos que apenas pra base de Xambioá foram levadas mais de 300 pessoas que não se sabe o paradeiro. Em outras bases tem mais. Apenas na base de Xambioá tem enterradas mais de 30 pessoas. Muitas viúvas tem vergonha, medo de procurar por seus maridos.

O Exército chegou humilhando e amedrontando todo mundo... A história é essa! Um dia mandei os meus filhos jogar uma galinha morta no mato. Quando vi, o menino mais velho estava chegando muito assustado, desesperado porque tinha visto um monte de homem vestido de verde e com armas apontadas para ele. O menino

ficou tão assustado que saiu correndo e deixou os irmãos pra trás. Foi um alívio quando o Exército foi embora! A gente podia ir e vir quando quisesse, não precisava pedir permissão pra ninguém. E a gente levou adiante o que aprendemos com os guerrilheiros... de nos organizar para conseguir as coisas, cuidar da saúde nossa e dos outros, estudar...

Se eu tenho medo de falar sobre isso? Eu tenho! Porque eu tenho medo deles voltarem... Tenho medo! ²

Remexer esse rio de túmulos fluídos de vidas, de corpos de pessoas amadas repletos de vivências/versões singulares de uma certa história, tem efeitos. O vento se intensifica, as águas se agitam... são as águas em banheiro³ agitando a canoa e sinalizando que ali há perigo.

Quando escrevo o relato acima na dissertação de mestrado que está em curso – mesmo período em que havia a ocupação de estudantes na UFF (Universidade Federal Fluminense) e nos colegiados no PPGP-UFF (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) se debatia sobre a implementação das Ações Afirmativas ali, e vazavam, sem pudor, discursos racistas de professores que não se afirmavam contrários à implementação da política, mas se diziam preocupados com a qualidade e o futuro do programa com a entrada de pessoas (pessoa qualquer, “não sou vedete para aceitar qualquer um”) que “não escrevem bem” e que talvez “vão precisar de aulas de reforço?” – tenho a sensação de que o banheiro vai virar a canoa e eu vou me afogar. Ao mesmo tempo em que vou contribuindo com certa visibilização de uma história e que vou me percebendo capaz (é libertador!) de dissertar sobre algo – porque algo que se aproxima da minha vivência e dos meus contrerrâneos, portanto uma Escrivência⁴ –, aquele mesmo espaço me diz que o importante é entender o que escrevem determinados autores homens brancos europeus. Esta é a senha para entrar naquele lugar! No entanto, esses mesmos agentes do Estado se distanciam, na prática/no cotidiano, do que afirmam esses mesmos autores a respeito da

² Texto escrito a partir de relatos de moradores da Região do Araguaia obtidos nos documentários “Palestina do Norte. O Araguaia passa por aqui” (SILVA, 1998), “Araguaia: Campo Sagrado” (MEDEIROS, 2011), e a partir de memórias vivas da autora e de moradores de Palestina do Pará.)

³ Rio agitado, com pequenas, porém, intensas ondas que se sobrepõem uma às outras.

⁴ Escrivência é um termo criado por Conceição Evaristo ao buscar evidenciar uma literatura que diz do modo de seus ancestrais transmitirem conhecimento adquirido na/pela vivência cotidiana. Essa expressão ganha corpo de conceito que vem a ser a nomeação do costume ancestral de ensinar. A escrita feita por ela - mulher negra, pobre – é de autorização do texto da própria vida, de seus ancestrais e de sua gente.

importância da diversidade, da multiplicidade, da diferença, da ação e efeitos do biopoder, dos processos e práticas instituídas que se movem sem cessar na direção de aniquilar forças instituintes percebidas como ameaças à sua ordem. A nossa Escrivência, assim como a nossa vivência, se dá na/pela margem, pelos orifícios e estilhaçando máscaras como as colocadas em Anastácia⁵. É afirmando as nossas experiências em espaços hegemônicos, mas mantendo-se na margem banzeirando os espaços e modos instituídos.

Em minha primeira tentativa de escrita a respeito da Guerrilha, na monografia de graduação (CARDOSO, 2011), apesar do estranhamento, segui a onda e a necessidade de ser mais uma informante sobre aquele acontecimento. No encontro acolhedor/terno com Heliana Conde e com a História Oral, com Cecília Coimbra e a sua prática encorajadora e potencializadora de um percurso (não apenas) acadêmico intimamente ligado à vida com suas marcas, pude experimentar uma escrita afirmando o nosso lugar, o nosso protagonismo e olhando para os processos e subjetividades em nós como também sobreviventes da Guerrilha do Araguaia. Tal percurso não tem sido feito sem engasgo; no entanto, nas repetições, insistências e pausas provocadas por ele, o “algo” a ser dito e escrito da vivência dos moradores na Guerrilha tem se afirmado.

Na fase inicial do projeto para o processo seletivo do mestrado, pensei em fazer entrevistas com moradores contemporâneos da Guerrilha. Entendi, no entanto, que poderia estar colocando a minha família em risco já que toda ela mora lá e ainda sentíamos ali a presença onipotente e oniciente do Major Sebastião Curió através de seus “espiões”. Decidi, portanto, me aliar a trabalhos que começavam a olhar para o corpo e para as subjetividades da população local. Assim, escolhi colher relatos de moradores obtidos em documentários e as minhas próprias memórias que tenho das falas de minha avó, tias e minha mãe.

A versão apresentada pelos moradores a respeito de sua própria sobrevivência é mais marginal que a não-oficial apresentada pelos parentes, amigos e companheiros dos militantes políticos mortos e sobreviventes do Araguaia. Inicialmente, a versão oficial apresentada pelas Forças Armadas da Ditadura Civil-Militar negou totalmente a existência de um conflito na região. O Major Sebastião Curió foi designado para

⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>. Acesso em 17 de dezembro de 2017.

ficar na área com fins de cuidar diretamente da limpeza/ocultação de indícios e de garantir que a população se mantivesse em silêncio. Ele comandou a última (mais repressiva e sangrenta) fase de ofensiva aos guerrilheiros, a Operação Sucuri que foi responsável pela infiltração de agentes disfarçados entre a população. Ao final, comandou a Operação Limpeza que consistiu em dar fim aos sinais do massacre desenterrando restos mortais dos guerrilheiros (e dos moradores mortos no período também? Ainda não sabemos!), jogando-os e queimando-os na Serra das Andorinhas. Com a busca de familiares e amigos dos militantes desaparecidos, o Estado teve que reconhecer a existência do conflito. No entanto, ao anistiar os atingidos pela repressão do Estado ao longo da Ditadura, desconsiderou os moradores da região⁶ que também foram presos, torturados, mortos, desaparecidos, expulsos de suas terras e tiveram as suas plantações (únicos meios para sua subsistência) e paióis de alimentos destruídos. Muitos adoeceram, muitos “ficaram loucos”.

Na historiografia tradicional, quem é considerado apto para testemunhar? O que é necessário para que se possa ser ouvido, visto? O que fez com que as feridas de uma população pobre dos confins do Pará não gerasse indignação nem mesmo nos que foram em busca de seus entes queridos? Que produção é essa que faz com que uns tenham possibilidade de visibilização e outros não? Quem, nessa lógica, merece viver e quem é deixado ou feito para morrer? A nossa sociedade é marcada por uma história de invasão, massacre sistemático da população indígena considerada selvagem pelos ditos civilizados; pelo sequestro e escravidão de milhares de negros por mais de 300 anos pelos mesmos ditos civilizados colonizadores que, além de possuir para si os direitos sobre as vidas desses povos, passaram a criar “verdades científicas” acerca deles. Saberes racistas esses que determinavam quem era selvagem ou não, se tinha capacidade cognitiva e intelectual preservada ou não, se era propenso ao crime ou não... Se tinha capacidade de aprender hábitos tidos como superiores, portanto, se poderia alcançar os ideais de civilização. Portanto, o mesmo grupo que nos colonizou passou a gerir nossas vidas e é o mesmo que continua até hoje em postos de comando determinando quem deve viver e quem deve morrer, quem pode ser visto e protegido e quem deve permanecer na invisibilidade e ser encarcerado, internado e/ou massacrado. E o Estado brasileiro capitalista, que nunca deixou de ser

⁶ Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979.

colonial, está cada vez mais se atualizando em nós na medida em que vai produzindo subjetividades de insegurança e necessidade de um Estado cada vez mais repressor.

Ser digno de ser considerado gente, de ser ouvido passa, na sociedade capitalista, pelas condições sociais a que se pertence. E os espaços de privilégios no Brasil, os que ditam as regras do jogo, jamais deixaram de ser branco modelo europeu e masculino. Resta a nós, sobreviventes do Estado racista brasileiro, seguir resistindo com a esperteza de D. Maria que à tentativa sedutora e perturbadora do militar para que ela afirmasse conhecer e informar o paradeiro de guerrilheiros, negou, desobedeceu intuindo que os agentes da lei é que seriam os terroristas. Mentir não é tarefa fácil para essa população. Dá-se a palavra de honra, se jura dizer a verdade em nome de algum ente muito querido, mas o modo de sociabilidade construída na região de dar “de comer” e “pouso” a quem necessitasse, de proteger e cuidar dos amigos, se fez superior a muitos. Um elogio à amizade e aos afetos alegres que resistiram às artimanhas de morte do Estado sempre Ditador.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, Á. A. *Transmissão Psíquica Geracional e Experiências Traumáticas no Contexto da Guerrilha do Araguaia*. Apresentada em 9 de jun de 2011. Monografia de Graduação em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil platôs (volume I)*. São Paulo: editora 34, 2000.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. Em: MOREIRA, Nadilza de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005.

MEDEIROS, E. C. *Araguaia Campo Sagrado*. 2011. Filme.

SILVA, D. I. *Palestina do Norte: O Araguaia passa por aqui*. 1998. Filme.

Áurea Alves Cardoso. Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFF; bolsista da CAPES; E-mail: aureaxcardoso@gmail.com

Artigo recebido para publicação em: Fevereiro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Março de 2018.

Como citar:

CARDOSO. Áurea Alves. Remando por um rio de memórias e vivências. **Revista Transversos. “Dossiê: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência”**. Rio de Janeiro, n.º. 12, pp. 235-247, Ano 05. abr. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2018.32514

